



Um mergulho no meu passado

Mundinha Dantas



Um mergulho no meu passado

Mundinha Dantas



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Reitor

Valdiney Veloso Gouveia

Vice-Reitora

Liana Filgueira Albuquerque



EDITORA UFPB

Diretor Geral da Editora UFPB

Natanael Antonio dos Santos

Coordenador do Setor de Administração

Everton Silva do Nascimento

Coordenador do Setor de Editoração

Gregório Ataíde Pereira Vasconcelos

Conselho editorial

Cristiano das Neves Almeida (Ciências Exatas e da Natureza)

José Humberto Vilar da Silva (Ciências Agrárias)

Julio Afonso Sá de Pinho Neto (Ciências Sociais e Aplicadas)

Márcio André Veras Machado (Ciências Sociais e Aplicadas)

Maria de Fátima Alcântara Barros (Ciências da Saúde)

Maria Patrícia Lopes Goldfarb (Ciências Humanas)

Elaine Cristina Cintra (Linguística e das Letras)

Regina Celi Mendes Pereira da Silva (Linguística e das Letras)

Ulrich Vasconcelos da Rocha Gomes (Ciências Biológicas)

Raphael Abrahão (Engenharias)

Editora filiada à:



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Mundinha Dantas
(Raimunda Maria de Freitas Ferreira)

Um mergulho no meu passado

Editora UFPB
João Pessoa
2023

Direitos autorais 2023 – Editora UFPB

OS DIREITOS DE PROPRIEDADE DESTA EDIÇÃO SÃO RESERVADOS À EDITORA UFPB.

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio.

A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do código penal.

O conteúdo desta publicação, seu teor, sua revisão e sua normalização são de inteira responsabilidade do(s) autor(es).

Projeto gráfico
Editoração eletrônica
e design de capa

Editora UFPB

Ana Gabriella Carvalho

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

D192m Dantas, Mundinha.
Um mergulho no meu passado [recurso eletrônico] / Mundinha Dantas (Raimunda Maria de Freitas Ferreira). - Dados eletrônicos - João Pessoa : Editora UFPB, 2023.
74 p. : il.
E-book.
Modo de acesso: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press/>
ISBN 978-65-5942-233-3
1. Poesia – Literatura brasileira. 2. Poesia – Cultura popular. I. Ferreira, Raimunda Maria de Freitas. II. Título.

UFPB/BC

CDU 82-1

EDITORA UFPB

Cidade Universitária, Campus I,
Prédio da editora Universitária, s/n
João Pessoa – PB
CEP 58.051-970

<http://www.editora.ufpb.br>

E-mail: editora@ufpb.br

Fone: (83) 3216.7147



Oh! Que saudade do luar da minha terra
Lá na serra branquejando folhas secas pelo chão
Este luar cá da cidade tão escuro
Não tem aquela saudade do luar lá do sertão...

(Luiz Gonzaga - Luar do Sertão)



Dedico aos meus filhos, netos e bisnetos.



“Se eu não tivesse esse passado eu não tinha história. Porque tem gente que diz assim: - Eu não vivo do passado, o passado para mim passou e pronto. Eu vivo do presente! Como é que você vive do presente se você não vê e nem sente? Eu não vivo do passado, eu guardo ele porque sem passado eu não tinha história. É a história da minha vida!”

Mundinha Dantas



A presente obra é um pedaço da minha vida,
pois através dele descrevo o tempo em que
vivi no meu amado e doce sertão.

Sumário

Criança sertaneja	10
Minha história de vida	11
Manoel Dantas em poesia	19
Sertão da passarada da minha infância	21
Sertão dos animais	22
As frutas do meu sertão	23
Matas do meu sertão	24
Matas pequenas do meu sertão	27
A lua do meu sertão	29
No meu sertão era assim...	30
Baú das velhas recordações	33
Lembranças de coisas do meu sertão	34
Lembranças	35
Coisas do meu passado	36
Leite...	39
Saudade danada	40
Sertão...	42

Serra Verde	43
Coisas do sertão	44
Adoro o mar	46
Pensamentos meus	47
História de um amor proibido	48
De que foi feito a mulher	51
Patativa...	52
Fazendo rima	54
A terceira idade não importa	55
Uma singela homenagem	56
Singela homenagem	59
Um recado para Vicelmo	61
O mosquito	64
Um tal coronavirus	65
Pequenos versos	68
Viver é querer bem	69

Criança sertaneja

A criança sertaneja
É feliz de qualquer jeito
Eu fui uma delas
O que eu queria mesmo
Era brincar ao ar livre
E conviver com a natureza
Correndo naqueles campos
Com pés descalços
Pisando na terra quente
Encontrando encruzilhadas
Veredas fechadas pela mata
E mexendo com ninhos de passarinhos

E foi assim que eu comecei
Minha longa história...linda

Minha história de vida

Eu nasci lá no sertão
No alto de uma chapada
Junto com a passarada
Lá passei minha infância
É um passado dóido
De um sertãozão sofrido
Que eu trago na lembrança

Minha história começou
A partir da geração
Minha mãe não me esperava
Esperava meu irmão
Depois que ele nasceu
Com dez minutos vim eu
Foi grande a admiração

Quando chegou minha vez
A cachimbeira tremia
E dizia aqui tem outro
E a minha mãe sorria
O meu pai ali de lado
Chorando emocionado
Vibrando de alegria

Chegamos até cinco meses
Foi triste o que aconteceu
Ele sofreu uma queda
E da queda adoeceu
E com vinte e quatro horas
O meu irmão faleceu

Minha mãe me contou
A diferença que tinha
O meu irmão bem forte
E eu bem pequenininha
Nem um quilo eu pesava
Era aquela figurinha

Minha escola foi a roça
Meu colégio o sertão
Meu caderno as sementes
De arroz e de feijão
Minha caneta a inchada
De escavacar o chão

Cinco horas da manhã
Eu já estava acordada
De currelepa nos pés
E de cabeça amarrada
Com a inchada nas costas
Seguia minha jornada

Era uma turma grande
Eu e mais dez irmãos
Passava o dia inteirinho
Plantando milho e feijão
De baixo de sol e chuva
De relâmpago e de trovão

Chegava em casa molhada
Tirava a roupa e torcia
E como não tinha outra
Aquela mesma vestia
E sentindo muito frio
Com a mesma adormecia

Eu caía na rede
Com cinco minutos dormia
O meu corpo tão cansado
Que até as unhas doía
Achava a noite curtinha
E logo chegava o dia

Quando eu me acordava
A primeira coisa que fazia
Era dar bênção ao meu pai
Era ele que exigia
Ai de quem não desse a bênção
A ele naquele dia

Meu pai era um cidadão
E muito inteligente
Mas como pai um carrasco
Judiou muito da gente
Minha mãe era uma santa
Tinha um jeito diferente

Ao completar quinze anos
Arranjei um namorado
Só me encontrava escondida
Com este pobre coitado
Se o meu pai descobrisse
Estava tudo acabado

Chegando aos dezesseis anos
O meu pai me emprestou
Na casa do seu patrão
Para prestar um favor
Ser a babá dos seus filhos
Ai a coisa mudou

O tempo passou
Fui embora pra cidade
Trabalhar como babá
Na qual eu tinha vontade
Na casa do meu patrão
Que ainda hoje tenho saudade

Quando eu fiz vinte e três anos
Arranjei um namorado
E com ele me casei
E fui viver ao seu lado
Até hoje é meu xodó
Somos dois apaixonados

Dai foi chegando os filhos
Fomos sofrer pra criar
O dinheiro era curto
Tudo caro pra comprar
Com ajuda da família
Ninguém podia contar

O tempo foi passando
E a gente a batalhar
Meu marido trabalhando
E eu os filhos pra cuidar
Enfim tudo deu certo
Conseguimos educar

O tempo foi passando
Minha juventude terminou
Carregou minha esperança
Que quase nada ficou
E todos os sonhos que sonhei
Só um pouquinho restou

O maior golpe do mundo
Que eu tive na minha vida
Foi a morte de Rosânea
A minha filha querida
E lutar contra um câncer
Que quase levou minha vida

Esta dor foi muito forte
Difícil de suportar
Mais com força da alma
Consegui amenizar
Meu coração ainda chora
Não consegue se calar

Me olhando no espelho
Vi uma mulher sem vida
O rosto desfigurado
Aquele pele sofrida
Eu senti pena de mim
Fui cuidar de minha vida

Olhei para meus filhos
Eu comecei a pensar
Tem que ter uma saída
Não posso desanimar
A vida é muito importante
Minha família e meu lar

A minha primeira ideia
Foi voltar a estudar
Acender minha memória
Não vou deixar se apagar
De outras atividades
Também fui participar

Procurei uma escola
Com aquele desengano
Um pouco envergonhada
Com sessenta três anos
Mas eu não vou desistir
E segui naquele plano

Falei com a diretora
E disse quero estudar
Ela falou muito bem
Pode se matricular
A senhora ainda pode
O seu sonho realizar

Entrei na sala de aula
Com o caderno na mão
Não deu cinco minutos
Entrou a televisão
E eu toda sem jeito
Não tinha a mínima noção

Me dediquei as aulas
Era tudo que eu queria
História, português
Aula de geografia
Matemática, ciência
Física e biologia

Agradeço a esta escola
A meus professores queridos
Por eles me fazer lembrar
Tudo que tinha esquecido
Voltando a minha força
Que eu já tinha perdido

Também pratico atividades
No Parque de Exposição
Com o Corpo de Bombeiros
Dia sim e dia não
Faz bem a minha saúde
E é bom pro coração

Quando eu tinha quinze anos
Sonhava com o Carnaval
Mas só ouvia falar
Participar não podia
E com setenta três anos
Brinquei e pulei os três dias

Hoje meus filhos são casados
E eu já ganhei dez netos
É o meu barco da alegria
São pedacinhos de mim
Faz parte da minha vida
São flores do meu jardim

Tenho Deus no coração
A Ele eu sou fiel
Tenho fé na oração
Que é o caminho para o céu
Admiro Pe. Elias
Sou fã de Pe. Manoel

O SESC é minha segunda casa
Eu gosto muito daqui
Amo a Ana Cristina
A Manu e a Elenir
Todas as coordenadoras
Do Grupo TSI

No grupo de convivência
Eu me sinto muito bem
É uma turma animada
Que passa muita energia
A gente é como irmãs
É aquela alegria

Se eu pudesse voltaria
Mas voltar não posso não
É com muita alegria
E amor no coração
Que caminho dia a dia
E não esqueço o sertão

Vocês não tem ideia
O quanto é importante
Receber esta homenagem
Me deixou mais confiante
Como a Mulher de Fibra
Para mim é gratificante

Esta mulher que está aqui
Não é aquela que nasceu
O tempo foi passando
Ela foi se transformando
E ficou lá no sertão
A mulher que era eu

Manoel Dantas em poesia

Manoel Dantas era um homem
Maturo mas inteligente
Nunca frequentou escola
Mas só fala descente
De grande conhecimento
Amigo de muita gente

Manoel era o cara
Cabra macho sim senhor
Não tinha medo de nada
Até uma onça enfrentou
Tinha boas amizades
Do vaqueiro ao doutor

Manoel Dantas tinha tudo
Que o homem precisa ter
Educado por natureza
Tão pouco sabia ler
Quem nunca conheceu ele
Desejava conhecer

Gostava de fazer festa
Com muita animação
No Natal, no Ano Novo
Na Fogueira de São João
Outra festa de arromba
Era os anos do patrão

No ano quarenta e oito
Causou admiração
Convidou todos os vaqueiros
Que tinha na região
Foi a festa mais bonita
Que aconteceu no sertão

Em cima daquela serra
A onde Manoel Dantas morou
De seu casarão de taipa
Nada, mas nada restou
Somente um pé de Juá
Que a terra conservou

O grande pé de Juá
Como lembrança ficou
Com o verde da Amazona
Cobertinho de fulô
É o ponto de referência
Onde Manoel Dantas morou

Deste homem tão guerreiro
De quem tanto eu falei
Foi meu pai, meu amigo
Meu herói, meu rei
A minha inteligência
Foi dele que eu herdei

Como dói
Como é difícil
Pra falar na heroína
Minha mãe, minha amiga
A grande Mulher de Fibra
Se chamava D. Herminia

Sertão da passarada da minha infância

Onde mora a Mãe da Lua
O Rasga Mortalha, Urubu
Seriema e Saracura
A Cordinis e a Lambú
Guriatã e Arribaçã
Juriti e Jacu

No sertão mora Aza Branca
A Peitica, o Bacurau
O Cancão, a Joana de Barro
Anum Preto, Pica Pau
O Vim Vim, o Beija Flor
O Curió, o Pardal

Tem o Galo de Campina
Craúna, Conão
Viana, Canário
Pinta Silva, Azulão
Patativa, Sabiá
Bem te vi e Gavião

Quatro tipos de rolinhas
Que conheço no sertão
Tem a rolinha Casca Vêu
Tem a rolinha Azul
Tem a rolinha Cachecha
E a Caldo de Feijão

Tem outros passarinhos
Danadinhos pra cantar
Eu não lembro o nome deles
Como poderei rimar
Mas quem sabe outro dia
Eu consigo me lembrar

Sertão dos animais

Tem os outros animais

A Onça e o Caititu

O Veado e a Raposa

O Peba e o Tatu

Macaco e o Soinho

Camaleão e Tiu

Cutia e Guaxinim

Furão e Tamanduá

Guará e Gato do Mato

Cassaco e Gambá

Lagartixa e Calango

Mocó e Preá

As frutas do meu sertão

Eu entrava na mata
Caçando fruta pra comer
Todo tipo eu encontrava
Pra minha barriga encher

Ameixa e Ingá
Maria Preta e Juá
Macaúba e Catolé
Banana de Croatá

Tinha Mutamba e Cajá
Pitomba e Araça
E muitas outras saborosas
Que eu não consigo lembrar

Matas do meu sertão

Vá visitar o sertão
Tu precisa conhecer
Lá no meio da caatinga
Um lindo pé de ipê
Que fica todo pelado
Quando é pra florescer

Ele se veste de flores
De cor vermelha e amarela
Formando um colorido
Que deixa a mata mais bela
Desconheço outra árvore
Que se compare com ela

Lá no sertão tem Angico
Pau-brasil e Jatobá
Timbaúba, Mororó
Imburana e Sabiá
Tem Marmeleiro e Oiticica
Jurema e Camará

Tem Pau-d'arco, Maniçoba
Canafista, Catingueira
Copaíba e Baraúna
Jenipapo, Aroeira
Araticum e Violeta
Quixaba e Craibeira

Tem Mariposa, Gameleira
Condessa, Mandacaru
Oliveira, Saboeira
Jacarandá e Caju
Gonsalve, Ameixa
Jabuticaba e Imbu

Tem Espinheiro, Cana braba
Madeira nova, Inharé
Favela, Maria preta
Barriguda, Tore
Mangaba, Mulungu
Tata juba e Murici

Pau Pereira, Cambuí
Ipê e Agaroba
Carnaúba, Ameloza
Laranjinha e Peroba
Carrancudo, Azeitona
Pau Óleo e Caroba

Jappeganga, Pacoté
Pau ferro, Jucá
Simpauba, Sabonete
Tem Jurema, Camará
Amarelo, Janaguba
Pau de leite e Juá

Trapia, Unha de Gato
Frejó e Giquiri
Tamarina, Jiló
Ingazeira, Buriti
Quinaquina, Tambou
Tatajuba e Murici

Tem Bassa, Araticum
Carnaúba, Tingui
Camundar, tem Coité
Tem Dendê, tem Cajuí
Ingazeira e Cambuí

Tem Pitomba, Tem Oiti
Goiaba, tem Cajá
Mutamba, Gabiraba
Tem Pinha, tem Araça
Babaçu, Macaúba
Cajarana e Maracujá

Matas pequenas do meu sertão

Muçambê, magiriola
Pião roxo, jurubeba
Pega-pinto, malva branca
Arritirante e berdoégua

Tem cordão de São Francisco
Quebra-pedra, quebra-faca
Crista de galo, jarrinha
Cipó de vaqueiro e alfavaca

Tem também pião jalapa
Tem batata de tiu
A melancia da praia
Vassourinha e canapú

Tem melissa, ciumeira
Melão, giritana
Tem Cansação, tem urtiga
Velame e chanana

Tem capim de toda cor
Que deixa o chão decorado
E um deles, o mais lindo
Chama-se capim rosado

Tem outros nomes de árvores
Que não consegui lembrar
Minha memória apagou
E não deu pra mim rimar
Mais quem sabe um outro dia
Quando a memória voltar

Tem plantas que alimenta
Outras envenena e mata
Outras são medicinais
Que faz cura imediata
Tem que ter conhecimento
Com este mato da mata

A beleza e o valor
De todos os vegetais
Tem muitos que botam frutos
Alguns medicinais
Outros servem de alimento
Para os nossos animais

No meio da mata tem mato
É só você procurar
Pra fazer um bom remédio
E sua doença curar
Se até hoje eu sou viva
Foi pro que tomei do chá

Gosto de andar na caatinga
Naquela mata fechada
Caminhando nas veredas
Encontrando encruzilhadas
Onde só os passarinhos
E o vento faz zuada

A lua do meu sertão

A lua lá no sertão
Ela tem a cor de prata
Quando tá no meio do céu
Clareava toda mata
Os passarinhos acordavam
Iam fazer serenata

A nossa casa de taipa
Com a luz de candeeiro
A lua no meio do céu
Quilariando o terreiro
E o velho galo cantava
Lá em cima do poleiro

Eu olhava para o céu
E ficava a contemplar
A beleza da lua
As estrelas a brilhar
Eu escutava os gritos delas
Me chamando para brincar

No meu sertão era assim...

A lua lá no sertão
Ela tem a cor de prata
Quando tá no meio do céu
Clariava toda a mata
Os passarim se acordava
Iam fazer serenata

A nossa casa de taipa
Com a luz de candeeiro
A lua no meio do céu
Clariando o terreiro
E o velho galo cantava
Lá em cima do poleiro

Eu olhava para o céu
E ficava a contemplar
A beleza da lua
As estrelas a brilhar
Eu escutava os gritos delas
Me chamando pra brincar

Cinco horas da manhã
Cantava o galo campina
No céu um lindo brilho
Da estrela matutina
Os sertanejos despertando
Pra seguir sua rotina

No sertão quando o sol nasce
Trazendo o seu clarão
Seus raios de violeta
Fortificando o pulmão
Daqueles pássaros que cantam
Nas quebradas do sertão

Vou falar mais um pouquinho
Das coisas do meu sertão
Do lugar onde nasci
Esquecer não posso não
Lá ficou minha raiz
Eu amo aquele sertão

Vá visitar o sertão
Tu precisa conhecer
Lá no meio da caatinga
O lindo pé de ipê
Que fica todo pelado
Quando é pra florescer

Ele se veste de flores
De cor vermelha e amarela
Formando um colorido
Que deixa a mata mais bela
Desconheço outra árvore
Que se compare com ela

Recordando este passado
Não me deixa sofrimento
Remexe minha memória
Desperta o pensamento
Deixando dentro de mim
Este velho sentimento

São lembranças muito forte
A aguenta coração
A saudade do passado
Não é brincadeira não
Só quem sabe é quem nasceu
Lá no meio sertão

Um dia eu deixo o Crato
Isto é minha opinião
Voltar pro meu recanto
Mesmo sem levar tostão
Vou curtir minha velhice
Num cantinho no sertão

Baú das velhas recordações

Foi no baú que guardei
As velhas recordações
Certeza de que terei
Vivas e lindas emoções
O sentimento que se expande
Espalhando no sertão

Eu fui dormir chorando
Chorando me acordei
Mergulhada no passado
O dia inteirinho passei
Com os olhos cansados
Pelo tanto que chorei

Juntei todo meu passado
Na peneira peneirei
Tirei o passado ruim
Só o passado bom deixei
Num cantinho do coração
Este passado guardei

Peguei um laço de fita
Em santa Rita botei
E peguei o meu rosário
Pra ela um terço rezei
E depois dessa oração
Nunca, nunca mais chorei

Lembranças de coisas do meu sertão

São lembranças muito fortes
Aguenta coração
A saudade do passado
Não é brincadeira não
Só quem sabe é quem nasceu
Lá no meio do sertão

Um dia eu deixo o Crato
Isto é minha opinião
Voltar pro meu recanto
Mesmo sem levar tostão
Vou curtir minha velhice
Num cantinho do sertão

No sertão quando o sol nasce
Trazendo o seu clarão
Seus raios de violeta
Fortificando o pulmão
Daqueles pássaros que cantam
Nas quebradas do sertão

Vou falar mais um pouquinho
Das coisas do meu sertão
Do lugar onde nasci
Esquecer não posso não
Lá ficou minha raiz
Eu amo aquele sertão

Recordando este passado
Não me deixa sofrimento
Remexe minha memória
Desperta o meu pensamento
Deixando dentro de mim
Este belo sentimento

Lembranças

São lembranças muito forte
Aguenta coração!
Lembro o vaqueiro meu pai
Lembro o cavalo Alazão
Do leite forte da cabra
Do leite da vaca magra
E das quebradas do sertão

Eu lembro quando votei
Pela primeira vez
Eu só tinha doze anos
E veja o que meu pai fez
Aumentou minha idade
E botou pra dezesseis

Ganhei um corte de pano¹
Fiz um vestido godê
Comi do boi do UDN
Votei no PSD

Quando lembro o passado
Não me leva ao sofrimento
Faz parte da minha história
Me desperta o pensamento
Conserva dentro de mim
Este belo sentimento

Do meu passado bonito
Não consigo esquecer
Passo o dia lembrando
Até ao anoitecer
E passo a noite sonhando
Até ao amanhecer

1 Ditado popular da época de eleições

Coisas do meu passado

Eu nasci e me criei
Nas quebrada do sertão
Sintindo o chêro da mata
Perfumano o meu pulmão

Andano pelos caminhos
No sol quente pé no chão
Sintindo o chêro das fulô
Que infeitava o sertão

Era um lugá sussegado
Chamado Sítio Rubão
Tinha uma capelinha
De São Paulo e Santo Antão

A gente entrava na mata
Caçano fruta pra cumê
Incontrava todo tipo
Era só você querê

Pitomba, gibiraba, aração
Mutamba, jenipapo, jatobá
Oiti, melancia da praia, cajá
Quixaba, mandacaru, juá

Coco catolé, banana de croata
Ameixa, maria preta, ingá
Canapum, macaúba, ananá
Cajarana, veludo e maracujá

Até melão de são caetano
Cumida de sabiá
a gente também cumia
E a nossa mãe dizia:
– Vocês vão se invenenar!

Ôta coisa saborosa
Da gente se alimentá
Todo tipo de mel
Qui o sinhô procurá

Tinha mel de jandaira
Tinha mel de uruçũ
Tinha mel de tataira
Tinha também de inxu

Tinha mel de cupira
Que era mediciná
E pra curar tosse braba
Tinha mel de arapuá

Quando chegava a noite
A luz da lua brilhava
O orvalho caia
E as plantas si banhava

O ar de lá era puro
Só tinha chêro de chão
Não se ouvia falá
Dessa tá poluição

Isso era nu passado
Agora tudo mudô
O ar que nós respira
Tem o chêro de tumô

Nossa Floresta Amazônica
Que do mundo é o pumão
Tá quase tuberculosa
Com tanta poluição

O cupado é o home
Verdadero predaô
Qui só pensa em dinheiro
E esquece do amô

O meu grito é de alerta
Vamo acordá minha gente!
Salvá o nosso país
Cuidá do meio ambiente

Leite...

Leite de vaca tem cálcio
Leite forte é o da cabra
O da jumenta é bom
Pra curar a tosse braba

O melhor leite do mundo
É o leite da mulher
Tem todos os ingredientes
Que a medicina quer

De todos os quatro eu bebi
De todos eles eu gostei
No peito da minha mãe
Foram dois anos que mamei

Quem não se criou com queijo
Com rapadura e coalhada
Com banho das cachoeiras
Não foi feliz quase nada

Saudade danada

Que saudade, que saudade
Do sertão onde nasci
Da velha casa de taipa
Do lugar onde cresci
Do pé de Juá Mirim
Onde cantava do Bem ti Vi
E eu quietinha a ouvir
Ele cantando pra mim

Com saudade da infância
Um dia irei morrer
Do meu passado bonito
Me orgulho reviver
O presente vai trazendo
E eu vou logo escrevendo
Para não me esquecer

Saudade bem colorida
Ninguém pode esquecer
Saudade de ser criança
Vendo o dia amanhecer
A lua se escondendo
Para o sol aparecer

Saudade amada saudade
Esquecer não posso não
Daquela casa de taipa
Que hoje só resta o chão
E o velho Pé de Juá
Lá no meio do sertão

Saudade mora comigo
Bem aqui dentro de mim
Tem hora que me abraça
Me aperta, dá carinho
Tem hora que me machuca
Me espeta como espinho
E assim eu vou vivendo
Pouco a pouco vou morrendo
Até chegar o meu fim
Com saudade desta terra
Um dia eu vou morrer
Do meu passado bonito
Me orgulho reviver
Nem sei se depois da morte
Vou conseguir esquecer

Sertão...

Sertão da vaca leiteira
Do queijo de coalhada
Da pamonha, da canjica
Do angu com carne assada
Da carimã, do arroz doce
Do cuscuz com panelada

Sertão da panela de barro
Do pilão e do moinho
Do baião de dois, do cuscuz
Do mugunzá com toicinho
Da tapioca quentinha
Com gosto de amendoim

Sertão do caçar
Do jumento, da cangalha
Da espingarda socadeira
Do bornó, chapéu de palha
Do cantar mal assombrado
Do pássaro rasga mortalha

Sertão da casa de taipa
Da luz de candeeiro
Café torrado no caco
Do bacurim no chiqueiro
Do galo que bota ordem

Sertão do fogão de lenha
Cheirando a carne assada
Água fresquinha no pote
A merenda de coalhada
Queijo fresco e rapadura
Com farinha misturada

Serra Verde

Nasci lá na Serra Verde
No meio daquele sertão
Sentindo o cheiro da mata
Pisando naquele chão
Se o Ceará fosse o corpo humano
Serra Verde era o coração

É mais um lugar,
daqueles que a tranquilidade mora.
Os pássaros fazem a trilha sonora,
nas lindas noite de luar.
Onde o sono marca hora,
e até acho que seja lá,
onde a tal felicidade mora.

Coisas do sertão

A saudade é muito forte
Esquecer não posso não
Daquela casa de taipa
Lá no meio do sertão
Que hoje só resta a lembrança
Que hoje só resta o torrão

Eu ainda uma criança
Acordava bem cedinho
E corria pro pé de juá
Só pra ver os passarinhos
Pulando de galho em galho
Cantando música pra mim

Meu velho pé de juá
Meu amigo de infância
Na tua sombra eu brincava
No meu tempo de criança
É passado conservado
Dentro das minhas lembranças

Eu nasci lá no sertão
No meio da natureza
Sou filha de um vaqueiro
Nunca conheci riqueza
Conheci felicidade
Lá no meio da pobreza

Meu pai tinha uma vitrola
Disco de xote e baião
E quando estava tocando
Era aquela animação
Foi aí que aprendi
Ser fã do Rei do Baião

Eu andava, eu andava
Nas veredas do sertão
Tirava as alpercatas
E andava de pé no chão
Sentindo o cheiro da mata
Perfumando meu pulmão

Gostava de entrar na mata
De ouvir os passarinhos
Cantando dentro dos ninhos
Cantando pra me alegrar
Todo passarinho canta
Só me alegra o sabiá

Eu gostava de subir
Nas árvores a procurar
Um ninho de passarinho
Para o filhote tirar
Com carinho e cuidado
Levar pra casa e criar

O som de uma vitrola
Continua em minha mente
O luar do meu sertão
É dor que meu peito sente
Música de Luiz Gonzaga
É dança diferente

Adoro o mar

Na praia tudo é alegria
O que é bonito estar lá
As pegadas na areia
E o balanço do mar
Isso fica na história
Gravado em minha memória
Que jamais vai apagar

Pensamentos meus

Tem dias que eu acordo,
Com uma tristeza danada.
Quero chorar mais as lágrimas,
Não querem sair.
Mergulho no passado
E lembro só das coisas ruins,
Que aconteceram no meu dia a dia,
Fico me perguntando por que
Isso acontece comigo?
Procuro justificar
E não encontro motivos.
Depressão? Não pode ser.
Um dia descobri que,
Era doença da alma.

História de um amor proibido

Com idade de nove anos
Eu comecei a sofrer
Amei a uma menina
Que era todo meu viver
Eu só esqueço ela
Um dia quando morrer

O nosso amor começou
Na infância dos brinquedos
Dois corações de criança
Se amaram sem sentir medo
Só eu e ela sabia
E os dois guardavam segredo

Eu amava esta menina
Com toda força que eu tinha
A minha vida era dela
E a vida dela era minha
Era o amor mais bonito
Que dentro do mundo tinha

O amor era tão forte
Que ardia meu coração
Queimava como fogueira
Nas noites de São João
De queimar tanto queimar
Que virou obsessão

Os dois foram crescendo
E o amor crescendo também
Cada dia que passava
Mais aumentava este bem
E nós guardava o segredo
Sem contar para ninguém

Ela ficando mocinha
Passou a morar na cidade
Continuava seus estudos
O sonho da realidade
E eu fiquei no sertão
Quase morto de saudade

O meu pai era pobrezinho
Nada tinha pra me dar
Eu trabalhava de roça
E não podia estudar
Mas pedia sempre a Deus
Para ele me ajudar

Eu me sentia feliz
Com aquele grande amor
Mas dentro do coração
Eu tinha medo e pavor
Ela filha do patrão
E eu filho do morador

Eu sempre dizia a ela
Não queira se arrepender
Quem vai ao campo da luta
Perde o medo de morrer
Fica veloz como o vento
Cria ferida por dentro
Quem tá por fora não ver

Um dia em nosso caminho
Surgiu um monstro cruel
Que destruiu nosso amor
Que era lindo e fiel
Mas este monstro me paga
Ou aqui ou lá no céu

Senhores pais de família
Pense bem o tempo atrás
No correr de um ano inteiro
Quanto exemplo nos trás
Desunir dois corações
É coisa que não se faz
O amor é como vidro
Se quebrar não solda mais

Esta história é real
Tudo isso aconteceu
A pessoa de quem falo
Esta mulher sou eu
Que ainda hoje estou viva
E ele foi quem morreu

De que foi feito a mulher

Todos os seres humanos
São feitos do mesmo barro
Com modelo diferente
Do jeito que faz o jarro
Mas eu já ouvi falar
Que o barro da mulher
Ele foi bem temperado
Com cheiro de duas flores
Que Deus tinha colocado

Quando Deus pegou no barro
Para fazer a mulher
Ele abaixou a cabeça
E São Pedro disse: O que é?
E o bom Deus lhe respondeu:
– Um segredo meu e teu
O que eu vou te falar
Este barro está cheirando
A flor de maracujá

São Pedro pegou o barro
E começou a cheirar
E disse: – Está enganado
Mestre quer mesmo saber?
Este barro tem o cheiro
É da flor de mussambê
E disse Deus a São Pedro:
– Vou juntar os dois perfumes
E misturar com o barro

E São Pedro concordou
Eu vou fazer a mulher
Do jeito que o homem quer
Com cheirinho de amor

Patativa...

O valor da poesia
Foi Patativa quem deu
Se espalhou no mundo inteiro
Em todo canto cresceu
Hoje só resta a saudade
O rei poeta morreu

Eu queria fazer rima
Pelo menos imitar
Vou procurando palavras
Vou tentando encaixar
Mais quando o povo vai ler
A coisa não quer rimar

Eu invento esses versinhos
Por que gosto de brincar
Com a caneta e papel
Pra memória despertar
E esquecer os problemas
Que não gosto de lembrar

Meu povo isso não é rima
Porque eu não sei rimar
Escrevo coisa por coisa
Sem a coisa se encaixar
É só pra passar o tempo
E não ver o tempo passar

Eu queria ser poeta
Por que amo a poesia
Pra gente ter esse dom
Precisa sabedoria
Sabida eu nunca fui
Poeta é papel de ceda
Eu sou papel de embrulho

Pra o poeta Patativa
Pra ele eu tiro o chapéu
Matuto do pé da serra
Deixou de rimar na terra
E foi rimar lá no céu

Fazendo rima

Eu queria fazer rima
Pelo menos imitar
Vou procurando palavras
Vou tentando encaixar
Mas quando o povo vai ler
A coisa não quer rimar

Eu invento esses versinhos
Por que gosto de brincar
Com a caneta e papel
Pra memória despertar
E esquecer os problemas
Que não gosto de lembrar

Meu povo isso não é rima
Por que eu não sei rimar
Escrevo coisa com coisa
Sem a coisa se encaixar
É só pra passar o tempo
E não ver o tempo passar

Eu queria ser poeta
Por que amo a poesia
Pra gente ter esse dom
Precisa sabedoria
Sabida eu nunca foi
Poeta é papel de seda
Eu sou papel de embrulho

Eu vou parar por aqui
Minha vista está rasteira
Acabou a brincadeira
Não tenho mais condição
Quem está muito enfadado
Se lembrando do passado
É meu velho coração

A terceira idade não importa

A terceira idade não importa
O que importa é você
Que dá tempo ao tempo
Não tem tempo de envelhecer

Chegar à terceira idade
Não quer dizer é o fim
Ou que a vida acabou
Por favor não pense assim

Quem chega a terceira idade
Só tem a agradecer
A Deus que te deu o direito
De muitas coisas aprender

A terceira idade é linda
Pra quem sabe aproveitar
Tocar seu barco pra frente
Tem muita água no mar
Você tem experiência
E muito chão pra pisar

Me olhando no espelho
Vi que estava envelhecida
Com o rosto cheio de rugas
E com a pele sofrida
Quando eu olhei pra eu
Sentí que uma força nasceu
Vou cuidar da minha vida

A minha primeira ideia
Foi voltar a estudar
Acender minha memória
Não vou deixar se apagar
De outras atividades
Também vou participar

Uma singela homenagem

Minha Turma Querida

Colega Maria Lopes
Ganhei a tua amizade
Vou lembrar sempre de ti
E sentir muita saudade

Francinete tu é amiga
Que tem coração de mel
Todo dia Deus te olha
Por um burquinho do céu

Sua timidez Daniele
Não passou despercebida
A sua simplicidade
É que te tornou querida

Você colega Alcione
Com sua simplicidade
Conquistou a turma toda
Fazendo boa amizade

Tem uma colega tranquila
Que é você Irismar
Não é muito de conversa
O seu pique é estudar

Também tem em nossa turma
Colega adolescente
Que é você Juliana
Uma energia pra gente

E você colega Núbia?
Nem abre a boca mal fala
Apenas com seu sorriso
É o silêncio da sala

A nossa colega Claudia
Esta é muito inteligente
Em matemática e física
Nossa colega é quente

É de você amiga Anita
Que vou ficar com saudade
Num cantinho do coração
Vou guardar tua amizade

Amiga como você Aleide
É difícil de encontrar
Vou guardar esta amizade
Pra nunca mais se acabar

Tem outra amiga na linha
Que é você Neidemar
Que já nasceu educada
Nem precisava estudar

Luciene esta baixinha
É amiga pra valer
Toda turma de adora
E gosta muito de você

Tenho muita admiração
Por você Francilda
De lutar para vencer
Com a vida tão sofrida

Tem outra grande colega
Você Raimunda Matias
De muita competência
Vem as aulas todos os dias

Você vizinha Nilza
É amiga quase irmã
E pra completar a dose
Somos colegas do TAM

Patrícia tu foi colega
Legal do começo ao fim
Sempre que me via com dúvida
Tirava a dúvida de mim

A colega Adriana
Só tenho a agradecer
Passou em todas matérias
E o maridão com você

E você colega Nilza
Ainda vou te encontrar
Lá dentro da faculdade
É lá que eu vou te encontrar

Meus colegas masculinos
Também vou sentir saudade
Pra mim foram bons meninos
Nos encontramos na faculdade

Minha última poesia
Vejam o que me restou
O cafezim de Maria
Que só saudades deixou

Singela homenagem

Aos Meus Professores

Quando cheguei na escola
Muito desorientada
Pensava que a minha vida
Não valia quase nada
O mundo estava escuro
Nada mais tinha futuro
Com uma tristeza danada

Entrei na sala de aula
Com o caderno na mão
Menos de cinco minutos
Chegou a televisão
Eu quase que fico louca
Com a minha cabeça oca
Sem a mínima noção

Agradeço a esta escola
A meus professores queridos
Por eles fazer eu lembrar
Tudo o que tinha esquecido
Voltando a minha força
Que eu já tinha perdido

A Dona Maria Henrique
Pra esta eu tiro o chapéu
Ela é ótima professora
Tem o coração de mel
Sei que a tua protetora
É a Maria do Céu

Pelo professor Altair
Tenho admiração
É um ótimo educador
Adora sua profissão
Ensina tudo que sabe
Com muita dedicação

O professor Alailton
Este fica na história
Remexeu minha memória
Com as aulas de inglês
Minha língua embolava
No céu da boca pregava
Me calava de uma vez

Claudia é uma professora
De muita capacidade
E pra falar a verdade
É uma amiga muito boa
É desta grande pessoa
Que vou ficar com saudade

Para os colegas de classe
Eu também tiro o chapéu
A caminhada foi longa
A busca deste papel
Que pra nós tem o valor
Que tem para o jogador
Quando recebe o troféu

Termino aqui o meu verso
Que fiz com todo carinho
E desejo aos meus colegas
Muita paz no seu caminho

Um recado para Vicelmo

Linda floresta Amazônica
O verde é sua beleza
Invejado pelo homem
Porque tem muita riqueza
O verde está se queimando
O homem está maltratando
A nossa mãe natureza

Deixo a Amazônia de lado
Entro numa boca quente
Vou falar aqui do Crato
De nosso meio ambiente
Este sim, tá maltratado
E o povo todo calado
Esperando os competentes

Fui fazer uma caminhada
Passando pelo canal
Vicelmo eu passei mal
Que doeu o coração
No momento até pensei
Meu Deus eu tô no Japão?

Você como repórter
Explica isso pra eu
Cadê o nosso governo
Onde ele se escondeu?
Mande ele olhar pro povo
Faça o que prometeu

O Cratinho de Açúcar
Hoje é só amargura
Passou uma tromba d'água
Carregou sua doçura
Um castigo lá do céu
Por sorte de Samuel
Não levou a prefeitura

Deputado, governador
Prefeito e vereador
Cuidem bem do nosso Crato
Suas raízes estão aqui
Não podem deixar a toa
O Crato é a coroa
Da Princesa do Cariri

Eu lembro do Rio Granjeiro
Também de sua beleza
Passando dentro do Crato
Trazendo sua riqueza
Com as águas cor de prata
Formava suas cascatas
O filho da natureza

Hoje vejo o rio granjeiro
Transformado num canal
Lhe causaram um grande mal
Com o seu meio ambiente
E as águas cor de prata
Foram entregue as baratas
Por homens incompetentes

A natureza requer
Muito carinho com ela
Com certeza ela precisa
Pra poder se manter bela
Ninguém fuja do assunto
Vamos todo mundo junto
Proteger e cuidar dela

Remexa a prefeitura
Junte o dinheiro que tem
Se não der venda o prédio
Venda terreno também
Você é um bom prefeito
Dê pro povo o direito
Que tu sabe que ele tem

A rua que passa o canal
Tá parecendo um deserto
Fico até emocionada
Quando passo ali por perto
Aqui quem fala é uma matuta
E digo que Fela da Puta
É quem achar isso certo

Perdoa a minha pessoa
Que não soube o que dizer
Juro não quis ofender
Aos homens competentes
Não entendo de política
Apenas foi uma crítica
Falando do meio ambiente

O mosquito

O mosquito pica
O vírus fica
Causando dengue
Chikungunya e zica.

Os homens preocupados
Com Dilma e Eduardo Cunha
Esqueceram a doença
Dengue, Zica e Chikungunya.
Os mosquitos aproveitaram
Deram uma de presidente
Tem até doutor doente
Com dor até pelas unhas.

O diabo do mosquito
Foi satanás quem criou
E mandou soltar no mundo
Desafiando o doutor
O cabinha tem fama
Pica e manda pra cama
Com dor em cima de dor.

Mesmo os médicos confirmando
É difícil acreditar
Que a picada do mosquito
Seja capaz de matar.
Sempre fui dura na queda
Mas o mosquito filho da égua
Conseguiu me derrubar.
Rezei tantas orações
Pedindo a nosso senhor
Só ele pode dar jeito
A este tal predador
Eu digo que acredito
Que esse tal de mosquito foi o diabo quem fabricou.

Um tal coronavirus

Valei-me Nossa Senhora
Sou filha do Ceará
Com oitenta e um anos
Nem vi o tempo passar

E assistindo o jornal
Ouvi um médico dizer
Que do tal coronavirus
Muitos idosos vão morrer

Nosso Santo cearense
Meu Padrinho Cícero Romão
O Senhor está no céu
Tenha de nós compaixão
Interceda a Jesus
Não deixe nós morrer não

Eu estou com muito medo
Trancada dentro de casa
Igual um passarinho
Quando o dono corta as asas
Vamos todos obedecer
Como manda a medicina
Para nosso Brasil não sofrer
O quanto sofreu a China

Os médicos da ciência dizem
Que o tal coronavirus
É uma grande infecção
Ele entra e faz a festa
Causando uma grande moléstia
Lá dentro do seu pulmão

Peço a vocês meus irmãos
Vamos ficar isolados
Saudade dói e maltrata
Coronavírus dói e mata

Cadê os mosquitos da dengue?
Pouco se ouve falar
Eles sumiram?
O que foi que aconteceu?
Pegaram o coronavírus
E os coitadinhos morreram?

Ninguém fala mais na dengue
Chikungunya, pneumonia
E muitas outras doenças
Que mata gente todo dia

Há muito tempo o câncer
Vem desafiando a medicina
Os melhores cientistas
Não descobriram o remédio
E muito menos a vacina

Agora vem o coronavírus
Doença contagiosa
Agressiva como o capeta
Tomou conta do planeta
Sem dó e piedade
Morreu cientista e doutor
Enfermeiros e enfermeiras
Morreram padres e freiras

Felizes os que escaparam
Dessa grande inflamação
Ela ataca primeiro a garganta
Desce para o coração
Passa visitando os rins
Faz a festa no pulmão
E se subir para o cérebro
Só sete palmo de chão!

Se todos fizerem
Com força e fé
Usando o coração
Taque o joelho no chão
Peça a Nosso Senhor
É Ele o grande doutor
Para nossa salvação.

Pequenos versos

Nasci no meio do sertão
Fui uma criança feliz
Depois veio o destino
E fez de mim o que quis

Envelhecer é amar a vida
Saúde é nossa glória
O tempo vai passando
Formando nossa história

Sou uma mulher feliz
Só tenho a agradecer
A Deus que me deu direito
De poder envelhecer.

Viver é querer bem

Faz bem a gente lembrar
O quanto é bom viver
Mesmo que tenha problema
Difícil de resolver
Tenha fé e esperança
Que Deus ajuda você

Tudo que fiz nessa vida
Nunca vou me arrepender
Caí no campo da luta
Perdi medo de morrer
Criei ferida por dentro
Quem tá por fora não vê

Foi no baú que guardei
As velhas recordações
Certeza de que terei
Vivas lindas emoções
Sentimento que se expandiu
Espalhando-se nos sertões



Mãe, esposa, avó, tia, irmã, poetisa e artesã, Mundinha Dantas, nasceu em Caririáçu no Ceará em 07 de dezembro de 1938. Aos 60 anos concluiu o ensino médio, realizando assim, um sonho de infância que era estudar. Filha de pais sertanejos, Manoel Dantas de Freitas e Herminia Pereira Damasceno, cresceu na Fazenda Serra Verde junto com seus 11 irmãos, foi nesse pedaço de sertão que surgiu seu amor pela poesia. Hoje, com 84 anos, mora em Crato, Ceará poetizando suas lembranças do sertão e costurando seus bonecos de pano.



Este livro foi diagramado
pela Editora UFPB em 2023,
utilizando a fonte Barlow.

